

FICHA TÉCNICA

Título original: *Where She Went*

Autora: *Gayle Forman*

Copyright © Gayle Forman, 2011

Os direitos morais da autora estão certificados

Epígrafe © 1931, 1958, Edna St. Vincent Millay e Norma Millay Ellis. Reproduzido sob autorização de Elizabeth Barnett, The Millay Society

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2013

Tradução: *Maria Georgina Segurado*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, junho, 2013

2.^a edição, Lisboa, setembro, 2014

Depósito legal n.º 360 178/13

Reservados todos os direitos para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

AOS MEUS PAIS:
por afirmarem que sou capaz

*It well may be that in a difficult hour,
Pinned down by pain and moaning for release,
Or nagged by want past resolution's power,
I might be driven to sell your love for peace,
Or trade the memory of this night for food.
It well may be. I do not think I would.**

Excerto de «Love is not all:
it is not meat nor drink»,
de EDNA ST. VINCENT MILLAY

* Até pode ser que, numa hora difícil,
Prisioneira da dor e ansiando por alívio,
Ou abatida pela força de uma decisão passada,
Eu possa ser levada a trocar o teu amor por serenidade,
Ou a memória desta noite por comida.
Até pode ser. Eu penso que não.

UM

Todas as manhãs ao acordar, digo de mim para mim: *É só um dia, um período de vinte e quatro horas que tens de ultrapassar.* Não sei ao certo em que momento principiei a ministrar a mim mesmo este estímulo diário — nem porquê. Mais parece um mantra em doze passos e não frequento nenhuma Ajuda Anónima, muito embora se possa pensar que devesse fazê-lo, depois de ler algumas das invenções que escrevem a meu respeito. Levo o tipo de vida que algumas pessoas seriam capazes de vender um rim só para passarem uns momentos nela. No entanto, sinto necessidade de lembrar a mim próprio a temporalidade de um dia, de asseverar a mim próprio que, se venci o dia de ontem, hei de vencer o de hoje.

Esta manhã, após a dose diária de incentivos, olho para o relógio digital minimalista na mesa de cabeceira do quarto de hotel. Indica 11:47, praticamente o raiar do dia para mim. Contudo, já recebi duas chamadas de despertar da receção, seguidas de um toque cortês mas firme do nosso *manager*, Aldous. Hoje pode ser apenas um dia, mas está bem recheado.

Tenho de ir ao estúdio gravar umas partes definitivas de guitarra para uma versão exclusiva na Internet do primeiro *single* do nosso álbum acabado de lançar. Quanto artifício. A mesma canção, nova parte de guitarra, alguns efeitos vocais, desembolsar mais por isso. «Nestes tempos que correm, tem

de ser tudo muito bem aproveitado», é a frase que os mandachuvas da editora discográfica tanto gostam de nos lembrar.

Depois do estúdio, tenho uma entrevista ao almoço com uma repórter da *Shuffle*. Essas duas ocorrências são uma espécie de aperta-livros daquilo em que a minha vida se tornou: fazer música, algo que me agrada, e falar de fazer música, algo que abomino. Todavia, são os reversos da mesma moeda. Quando Aldous me liga pela segunda vez, afasto finalmente o edredão e agarro o frasco de medicamento que se encontra em cima da mesa de cabeceira. São uns comprimidos para a ansiedade que devo tomar quando me sinto agitado.

Agitado é o meu estado normal. E a tal me habituei entretanto. Contudo, desde que iniciámos a nossa digressão com três concertos no Madison Square Garden, tenho sentido algo mais. Como se estivesse prestes a ser sugado para algo forte e doloroso. Turbilhonado.

Esta palavra existirá?, pergunto-me.

Estás a falar sozinho, por isso, que importância tem?, respondo, enfiando dois comprimidos na boca. Visto uns *boxers* e encaminho-me para a porta do meu quarto, onde aguarda já uma cafeteira. Foi deixada ali por um empregado do hotel, sem dúvida com instruções específicas para não se atrever a aparecer-me à frente.

Termino o meu café, visto-me, dirijo-me ao elevador de serviço e saio pela entrada lateral — o diretor de relações públicas entregou-me um conjunto de chaves especiais de acesso, a fim de evitar a concentração de fãs no átrio. Lá fora, no passeio, sou saudado por um bafo de ar húmido de Nova Iorque. É um pouco opressivo, no entanto, agrada-me a humidade no ar. Faz-me recordar o Oregon, onde chove sem parar e, mesmo nos dias de verão mais quentes, os malditos cúmulos brancos pairam lá no alto, as suas sombras a lembrar-nos que o calor do verão é fugaz e que a chuva anda sempre por perto.

Em Los Angeles, onde vivo agora, praticamente nunca chove. E o calor, esse, é infundável. Mas é um calor seco. As pessoas de

lá aproveitam-se desta aridez como falso pretexto para todos os excessos de calor e poluição da cidade. «Hoje até podem estar quarenta e dois graus», vangloriam-se, «mas pelo menos é um calor seco.»

Só que em Nova Iorque o calor é húmido; quando chego ao estúdio que se situa a uma distância de dez quarteirões numa extensão deserta nas Ruas Cinquenta Oeste, o meu cabelo, que mantenho escondido debaixo de um boné, está húmido. Tiro do bolso um cigarro e a minha mão treme enquanto o acendo. Sensivelmente de há um ano para cá, tenho notado uma ligeira tremura. Após efetuar exames exaustivos, os médicos garantiram-me que mais não eram do que nervos e aconselharam-me a experimentar praticar ioga.

Quando chego ao estúdio, Aldous aguarda no exterior, debaixo de um toldo. Olha para mim, para o cigarro, novamente para o meu rosto. Pela maneira como me fita, deve estar a decidir se vai ter de ser o Polícia Bom ou o Polícia Mau. Estou, sem dúvida, com péssimo aspeto, pois opta pelo Polícia Bom.

— Bom dia, Alegria — saúda-me jovialmente.

— Ah sim? E o que tem de alegre a manhã? — procuro fazer algum humor.

— Tecnicamente, já é de tarde. Estamos a ficar atrasados.

Apago o cigarro. Aldous coloca uma manápula incongruente-mente delicada no meu ombro.

— Queremos apenas uma pista de guitarra em «Sugar», só para lhe dar aquele pequeno extra que levará os fãs a comprarem-no de novo. — Solta uma gargalhada e abana a cabeça ante aquilo que o negócio se tornou. — Depois tens um almoço com a *Shuffle*, e uma sessão fotográfica para aquela coisa do Fashion Rocks do *Times* com o resto da banda, por volta das cinco, e a seguir umas bebidas rápidas com alguns tipos da massa na editora discográfica e a seguir vou para o aeroporto. Amanhã, tens uma pequena reunião rápida com a publicidade e apresentação. Basta sorrisos e não abrires muito a boca. Depois disso, ficas entregue à tua solidão até Londres.

Entregue à minha solidão? Por oposição a estar no caloroso seio da família quando nos encontramos todos juntos?, pergunto. Só que o faço de mim para mim. Nestes últimos tempos, apercebo-me de que a maior parte das conversas que tenho é comigo mesmo. Tendo em conta metade daquilo que penso, provavelmente será preferível assim.

Desta vez, porém, ficarei entregue a mim mesmo. Aldous e o resto da banda partem para Inglaterra esta noite. Eu deveria seguir no mesmo voo que eles, só que me apercebi de que hoje era sexta-feira 13, e estava completamente fora de hipótese! Já estou com um mau pressentimento em relação a esta digressão, por conseguinte, não vou enguiçá-la ainda mais partindo logo no dia oficial do azar. Assim, obrigara Aldous a fazer a minha reserva no voo do dia seguinte. Vamos gravar um vídeo em Londres e depois dar algumas conferências de imprensa antes de iniciarmos a etapa europeia da nossa digressão, portanto, não é o mesmo que faltar a um espetáculo, apenas uma reunião preliminar com o nosso realizador do vídeo. Dispensar a sua perspetiva artística. Quando começarmos a gravar, farei o que ele disser.

Sigo Aldous até ao estúdio e entro numa cabina insonorizada onde estamos apenas eu e uma série de guitarras. Do outro lado do vidro, encontram-se sentados o nosso produtor, Stim, e os engenheiros de som. Aldous reúne-se-lhes.

— Muito bem, Adam — diz Stim —, mais uma pista na ponte e o coro. Apenas para que aquele gancho prenda muito mais. Vamos juntar as vozes na mistura.

— Gancho. Prender. Entendido.

Coloco os auscultadores e pego na guitarra para a afinar e aquecer. Procuo abstrair-me de que, apesar do que Aldous me disse há pouco, me sinto como se estivesse *já* entregue à minha solidão. Eu sozinho numa cabina insonorizada. *Não penses de mais*, digo de mim para mim. *É assim que se grava num estúdio tecnologicamente avançado*. O único problema, porém, é que senti o mesmo há algumas noites no Garden. Em cima do

palco, defronte de dezoito mil fãs, ao lado de pessoas que, em tempos, fizeram parte da minha família, senti-me tão sozinho quanto nesta cabina.

Ainda assim, podia ser pior. Começo a tocar, os meus dedos mexem-se rapidamente, desço depois do banco e maltrato e puxo pela minha guitarra até lhe arrancar exatamente os guinchos e lamentos que a queria ouvir soltar. Ou que quase a queria ouvir soltar. Naquele espaço fechado, encontram-se provavelmente guitarras no valor de cem mil dólares, no entanto, nenhuma delas se compara à minha velhinha *Les Paul Junior* — a guitarra que tive durante imenso tempo, aquela com que gravei os nossos primeiros álbuns, aquela que, num ataque de estupidez, orgulho arrogante ou seja lá o que for, deixara que fosse leiloada a fim de ajudar uma instituição de beneficência. As substitutas caras e reluzentes nunca conseguiram soar da mesma maneira nem transmitir a sensação certa. No entanto, quando atinjo a distorção máxima, consigo soltar-me por um instante ou dois.

Porém, acabou tudo demasiado cedo, e depois Stim e os engenheiros apertam-me a mão e desejam-me felicidades na digressão, e Aldous acompanha-me à porta e a uma limusina e descemos a Nona Avenida sempre a abrir até ao SoHo e um hotel cujo restaurante, no entender dos agentes publicitários da nossa editora discográfica, é um bom local para a nossa entrevista. Acaso julgam que tenho menos probabilidades de armar confusão ou dizer o que não devo se estiver num lugar público caro? Recordo-me daqueles primeiros tempos, em que os entrevistadores escreviam numa revista eletrónica ou em blogues e eram fãs e queriam principalmente falar de *rock* — discutir a *música* — e falar com todos nós em conjunto. As mais das vezes, acabava por ser uma conversa normal com todos a expressarem sonoramente as suas opiniões quase em simultâneo. Nessa altura, não me preocupava nada em medir as palavras. No entanto, agora, os repórteres interrogam-me e à banda em separado, como se fossem polícias, e colocam-me e aos meus cúmplices em celas adjacentes tentando ver se nos denunciámos uns aos outros.

Necessito de um cigarro antes de entrarmos, por conseguinte, fico com Aldous no exterior do hotel, ao sol encandeante do meio-dia, enquanto um grupo de pessoas se reúne e me lança disfarçadamente olhares. É esta a diferença entre Nova Iorque e o resto do mundo. As pessoas são tão fanáticas com as celebridades como em qualquer outro lugar, porém, os nova-iorquinos — ou pelo menos aqueles que se consideram pessoas sofisticadas e matam o tempo ao longo do tipo de quarteirão do SoHo onde me encontro neste momento — fingem indiferença, mesmo quando nos olham por detrás dos óculos escuros de trezentos dólares. Seguidamente, fingem desdém quando os forasteiros infringem as regras vindo a correr pedir um autógrafo, como acabaram de fazer as jovens de *sweatshirts* da Universidade de Michigan que trabalham como *baby-sitters* num programa de intercâmbio, para enorme contrariedade do trio de snobes ali próximo, e, então, reviram os olhos e lançam-me um olhar de compaixão. Como se as *raparigas* fossem o problema.

— Precisamos de te arranjar um melhor disfarce, Wilde Man — diz Aldous, depois de as raparigas se afastarem, soltando gritinhos de entusiasmo. Ele é o único que ainda me pode tratar daquela maneira. Noutros tempos, era uma alcunha generalizada, fazendo humor com o meu apelido, Wilde. Todavia, uma vez por pouco não destruí um quarto de hotel e a partir daí aquele «Wilde Man» passou a ser uma presença constante nos tabloides.

Depois, como se instado, surge um fotógrafo. Não é possível estar parado diante de um hotel de luxo durante mais de três minutos sem que isso aconteça.

— Adam! A Bryn está lá dentro?

Uma fotografia com Bryn a meu lado vale cerca do quádruplo do que se eu estiver sozinho. Mas depois de disparado o primeiro *flash*, Aldous coloca uma mão diante da objetiva do sujeito e outra diante do meu rosto.

Enquanto me conduz rapidamente ao interior, vai-me dando indicações.

— A repórter chama-se Vanessa LeGrande. Não é uma daquelas cotas que abominas. É jovem. Deve ser um pouco mais nova do que tu, aí uns vinte e poucos anos, creio. Costumava escrever para um blogue antes de ser escolhida pela *Shuffle*.

— Qual era o blogue? — interrompo-o. Raramente Aldous me dá informações detalhadas sobre repórteres, a menos que exista um motivo.

— Não sei bem. Talvez o Gabber.

— Oh, Al, esse *site* é uma porcaria, só mexericos.

— A *Shuffle* não é um *site*. E estamos a falar de um exclusivo de capa.

— Muito bem. Tu é que sabes — respondo, empurrando as portas do restaurante. Está decorado com mesas baixas de vidro e banquinhos em pele, iguais a um milhão de outros espaços onde já estive. Estes restaurantes têm-se em muito alta conta, na realidade, porém, não passam de versões excessivamente caras e estilizadas do McDonald's.

— Ali está ela, mesa do canto, a loura com madeixas — informa-me Aldous. — É toda boa. Não que tenhas falta nessa matéria. Merda, não contes isto à Bryn. Pronto, esquece. Estarei aqui no bar.

Aldous a ficar para a entrevista? Isso compete ao agente publicitário, só que eu me recusara a estar acompanhado de agentes publicitários. Devo andar mesmo a bater muito mal.

— Tu a fazeres de *baby-sitter*? — pergunto-lhe.

— Népia. Só pensei que poderias precisar de apoio.

Vanessa LeGrande é gira. Ou talvez uma *brasa* seja o termo mais adequado. Não importa. Percebo, pela forma como lambe os lábios e atira o cabelo para trás, que tem consciência disso, o que estraga praticamente o efeito. Sobe-lhe do pulso uma cobra tatuada, e era capaz de apostar o nosso álbum de platina em como tem uma tatuagem ao fundo das costas. E na verdade, quando se curva para tirar o gravador digital da mala, surge um desenho indelével, uma setinha no cimo das calças de ganga de cós descaído a apontar para sul. *Chique*.

— Olá, Adam — diz Vanessa, olhando-me com ar conspirador, como se fôssemos velhos amigos. — Posso dizer apenas que sou uma enorme fã? *Collateral Damage* ajudou-me a ultrapassar uma separação dolorosa no último ano da faculdade. Por isso, obrigada. — Sorri-me.

— Hum, não tens de quê.

— E agora gostaria de retribuir o favor escrevendo o melhor perfil dos Shooting Star que alguma vez foi publicado. Portanto, que tal irmos diretos ao miolo da questão e deixar toda a gente boquiaberta?

Diretos ao miolo da questão? Irão as pessoas compreender metade das tretas que saem da boca deles? Vanessa até pode querer dar-se ares de pretensiosa ou estilosa, ou mesmo tentar conquistar-me com candura ou mostrar-me como realmente é, no entanto, o que quer que me queira impingir, não faço tenções de comprar.

— Claro — é a minha resposta.

Um empregado aproxima-se da nossa mesa. Vanessa pede uma salada; eu peço uma cerveja. Vanessa folheia um caderno de apontamentos *Moleskine*.

— Sei que deveríamos estar a falar de *BloodSuckerSunshine*... — começa por dizer.

Carrego de imediato o semblante. É *exatamente* disso que deveríamos estar a falar. É por esse motivo que aqui estou. Não para sermos amigos. Não para trocarmos confidências, mas porque isso faz parte do meu trabalho de promoção dos álbuns dos Shooting Star.

Vanessa começa a desbobinar.

— Estive a ouvi-lo durante semanas, e sou uma rapariga inconstante, difícil de contentar. — Solta uma gargalhada. Ao longe, ouço Aldous pigarrear. Olho para ele. Ostenta um falso sorriso gigante e faz-me sinal levantando os polegares. Fica ridículo. Viro-me para Vanessa e faço um esforço para retribuir o sorriso. — Mas agora que saiu o vosso segundo álbum da grande editora discográfica e foi divulgado o vosso som mais

pesado, penso que estamos todos de acordo, a minha intenção é escrever um estudo completo. Traçar o percurso da vossa evolução de banda *emocore* aos descendentes do *agita-rock*.

Descendentes do agita-rock? Confesso que, no início, aquele paleio desconstrutivista, convencido e estúpido me apanhou mesmo desprevenido. A minha função era escrever canções: acordes, ritmos e letras, versos, pontes e ganchos. Mas depois, à medida que crescemos, as pessoas começaram também a dissecar as canções, como uma rã numa aula de Biologia, até não restar nada senão as vísceras — ínfimas partes de um todo.

Reviro ligeiramente os olhos, no entanto, Vanessa está concentrada nas suas notas.

— Estive a ouvir algumas gravações não autorizadas das vossas primeiras canções. Ficam tanto no ouvido, são quase doces comparativamente às atuais. E estive também a ler tudo o que foi escrito sobre vocês, cada mensagem deixada nos blogs, cada artigo em revistas eletrónicas. E quase todos referem este chamado «buraco negro» dos Shooting Star, no entanto, ninguém o consegue desvendar. Tens a tua produção independente; está a vender bem; estás no bom caminho para chegares ao topo, mas depois dá-se esta paragem. Correm boatos de que vocês se tinham separado. E depois surge *Collateral Damage*. E «pum». — Vanessa mima uma explosão a brotar dos punhos fechados.

É um gesto dramático, mas não de todo despropositado. *Collateral Damage* saíra há dois anos, e um mês depois de ter sido posto à venda, o *single* «Animate» entrara para as tabelas nacionais e fora uma loucura. Costumávamos gracejar que já não era possível ouvir rádio durante mais de uma hora sem que fosse passado. A seguir, «Bridge» saltara para as tabelas, e pouco depois todo o álbum alcançava a primeira posição no iTunes, que, por sua vez, foi posto à venda em todos os Walmart do país, e não tardou a afastar Lady Gaga do primeiro lugar nas tabelas da *Billboard*. Durante uns tempos, predominara a sensação de que o álbum fora carregado para o *iPod* de todas

as pessoas entre os doze e os vinte e quatro anos. Numa questão de meses, a nossa banda semiesquecida do Oregon foi capa da revista *Time*, sendo apelidada de «Os Nirvana do Milénio».

No entanto, nada disto era novidade. Fora tudo documentado, sucessivamente, *ad nauseam*¹, inclusive na *Shuffle*. Não percebia muito bem quais as intenções de Vanessa.

— Sabes, todos parecem atribuir o som mais pesado ao facto de Gus Allen ter produzido *Collateral Damage*.

— Claro — respondo. — O Gus gosta de *rock*.

Vanessa bebe um gole de água. Ouço o *piercing* que tem na língua emitir um estalido.

— Mas não foi o Gus quem escreveu aquelas letras, que estão na base de todo aquele dinamismo. Foste tu. Toda aquela força e emoção brutas. Como se *Collateral Damage* fosse o álbum mais furioso da década.

— E nós a pensarmos que seria o mais feliz.

Vanessa encara-me, semicerra os olhos.

— Estava a fazer um elogio. Para imensas pessoas, entre as quais me incluo, foi extremamente catártico. E é precisamente aí que quero chegar. É do conhecimento geral que aconteceu algo durante o vosso «buraco negro». Acabará por se saber, por conseguinte, não seria preferível controlar a mensagem? A quem se refere «collateral damage»? — pergunta-me desenhando aspas no ar. — O que vos sucedeu? O que se passou contigo?

O nosso empregado de mesa vem trazer a salada de Vanessa. Peço uma segunda cerveja e não respondo à pergunta dela. Não digo nada, limito-me a baixar o olhar. Porque numa coisa Vanessa tem razão. Nós *é que* controlamos a mensagem. Nos primeiros tempos, faziam-nos constantemente esta pergunta, no entanto, nós limitávamo-nos a dar respostas vagas: demorámos algum tempo a encontrar o nosso som, a escrever as nossas canções. Mas, agora, a banda já cresceu o suficiente para os nossos agentes publicitários elaborarem uma lista de temas proibidos

¹ Locução adverbial latina: até enjoar. (NT)

dos repórteres: a relação de Liz e Sarah, a minha e a de Bryn, os anteriores problemas de drogas do Mike — e o «buraco negro» dos Shooting Star. Todavia, Vanessa age como se não tivesse recebido o memorando. Olho para Aldous, suplicando ajuda, porém, ele está entretido a conversar com o empregado do bar. Que rico apoio.

— O título refere-se à guerra — digo-lhe. — Já antes o explicara.

— Claro — afirma, revirando os olhos. — Porque as tuas letras são *tão* políticas.

Vanessa fita-me com os seus enormes olhos azul-bebé. Trata-se de uma técnica dos repórteres: criar um silêncio constrangedor e esperar que o sujeito se descaia com alguma revelação. Comigo não resulta. Consigo obrigar uma pessoa a desviar o olhar.

De repente, os olhos de Vanessa endurecem, tornam-se frios. Passa rapidamente a sua faceta jovial e sedutora para segundo plano e fita-me com uma ambição desmedida. Parece faminta, no entanto, sempre constitui um avanço, porque pelo menos está a ser ela própria.

— O que aconteceu, Adam? Sei que existe aí uma história qualquer, a história dos Shooting Star, e vou ser eu a contá-la. O que transformou esta banda de *indie-pop* num fenómeno do *rock* primitivo?

Sinto um punho frio e duro atingir-me no estômago.

— Aconteceu a vida. E demorámos algum tempo a escrever as coisas novas...

— *Tu* demoraste um bocado — interrompe-me Vanessa. — Foste tu quem escreveu os dois álbuns mais recentes.

Limito-me a encolher os ombros.

— Vá lá, Adam! *Collateral Damage* é o teu disco. É uma obra-prima. Devas orgulhar-te dela. E também sei que a história por detrás dele, a história por detrás da tua banda, é também a tua história. Uma enorme mudança como esta, de um quarteto de *indie* colaborativo a um de *punk* emocional eletrizante

movido pelo estrelato, tem tudo a ver contigo. Quero dizer, tu foste o único que subiu ao palco para receber o Grammy de Melhor Canção. Qual foi a sensação?

Péssima.

— Caso te tenhas esquecido, toda a banda ganhou o prémio de Melhor Artista Revelação. E isso já foi há mais de um ano.

Anuí.

— Olha, não estou a querer dizer mal de ninguém nem a reabrir feridas. Estou, tão-somente, a tentar compreender a mudança. Do som. Das letras. Da dinâmica da banda. — Olha-me com ar de entendida. — Tudo indica que és o catalisador.

— Não existe nenhum catalisador. Limitámo-nos a mudar o nosso som. Acontece constantemente. Como o Dylan passar a tocar guitarra elétrica. Como a Liz Phair tornar-se mais comercial. No entanto, as pessoas tendem a passar-se quando algo diverge das suas expectativas.

— Sinto que houve algo mais — prossegue Vanessa, impelindo a mesa com tanta força que me bate na barriga e tenho mesmo de a afastar de mim.

— Bom, é óbvio que tens uma teoria, por conseguinte, não deixes que a verdade constitua um obstáculo.

Os olhos dela fulgem durante um segundo rápido e penso que a aborreci, mas depois ela levanta as mãos. Tem as unhas roídas.

— Queres mesmo saber qual é a minha teoria? — pergunta, arrastando a voz.

Não faço questão disso.

— Diz lá.

— Falei com umas pessoas que andaram contigo na escola secundária.

Sinto todo o meu corpo enregelar, massa mole a tornar-se plúmbea. Para levar o copo aos lábios é necessária extrema concentração e finjo beber um gole.

— Não fazia ideia de que andaste na mesma escola que a Mia Hall — afirma descontraidamente. — Conhece-la? A violoncel-

lista? Está a começar a causar imenso burburinho nesse meio. Ou seja lá qual for o equivalente na música clássica. Talvez zunzum.

O copo treme na minha mão. Tenho de usar a outra mão para ajudar a descê-lo até à mesa e evitar que o entorne por mim abaixo. *Todas as pessoas que sabem realmente o que sucedeu nessa altura não vão contar nada*, lembro a mim mesmo. *Os boatos, mesmo os fundamentados, são como as chamas: corta-se o oxigénio e eles tremulam e morrem.*

— A nossa escola secundária tinha um bom programa de artes. Era uma espécie de viveiro de músicos — explico.

— Faz um certo sentido — afirma Vanessa, anuindo. — Corre um ligeiro boato de que tu andavas com a Mia na escola secundária. O que é, no mínimo, curioso, pois nunca li nada sobre isso em lado nenhum e parece, sem dúvida, ser digno de nota.

Surge-me uma imagem de Mia diante dos olhos. Com dezassete anos, aqueles olhos escuros cheios de amor, intensidade, receio, música, sexo, magia, dor. As mãos gélidas. As minhas mãos, também gélidas, agarram neste momento o copo de água gelada.

— Seria digno de nota se fosse verdade — refiro, obrigando a minha voz a manter um tom uniforme. Bebo outro gole de água e faço sinal ao empregado para me trazer outra cerveja. Já é a terceira, a sobremesa do meu almoço líquido.

— Portanto, não é? — Parece cética.

— Era bom, era — retorco. — Conhecemo-nos por acaso na escola.

— Pois, não consegui descobrir ninguém que vos conhecesse a ambos para o poder corroborar. Mas depois veio parar às minhas mãos um antigo livro de curso e dele consta uma fotografia fofinha de vocês os dois. Parecem mesmo um casalinho. A questão é que a fotografia não tem nome, apenas uma legenda. Por conseguinte, a menos que se conheça o aspeto da Mia, passaria despercebida.

Obrigado, Kim Schein: a melhor amiga de Mia, rainha do livro de curso, fotógrafa independente. Não quiséramos que

aquela fotografia fosse usada, no entanto, Kim colocara-a sem mencionar os nossos nomes, apenas aquela estúpida alcunha.

— A Bela e o Cromo? — inquire Vanessa. — Vocês até tinham um título.

— A tua fonte é um livro de curso? O que se segue? A Wikipédia?

— Não és uma fonte fidedigna. Disseste que se conheceram «por acaso».

— Olha, a verdade é que provavelmente andámos umas semanas, precisamente na altura em que essas fotografias foram tiradas. Mas, também, saí com montes de miúdas no secundário. — Brindei-a com o meu melhor sorriso de *playboy*.

— Portanto, não a vês desde a escola, certo?

— Sensivelmente desde que ela foi para a faculdade — afirmo. Ao menos, esta parte é verdadeira.

— Explica-me, então, como é que, quando entrevistei o resto dos teus colegas da banda, todos se fecharam em copas quando fiz perguntas sobre ela? — pergunta-me, olhando-me intensamente.

Porque, independentemente do que correu mal connosco, continuamos leais. Nessa matéria. Faço um esforço para falar em alto e bom som:

— Porque não há nada a dizer. Penso que pessoas como tu gostam do aspeto de *sitcom* de, percebes, dois músicos de renome da mesma escola secundária que andaram.

— Pessoas como eu? — insurge-se Vanessa.

Abutres. Sanguessugas. Ladrões de almas.

— Repórteres — explico. — Gostas de contos de fadas.

— Bom, e quem não gosta? — contrapõe Vanessa. — Muito embora a vida dessa mulher tenha sido tudo menos um conto de fadas. Ela perdeu toda a família num acidente de viação.

Vanessa finge-se arrepiada, como sucede quando se fala das desgraças alheias que não têm nada a ver connosco, que não nos afetam, nem nunca afetarão. Nunca na vida bati numa mulher, mas, por instantes, apeteceu-me dar-lhe um soco, deixá-

-la provar a dor que tão frivolamente descreve. No entanto, contenho-me e ela prossegue, sem se chegar a aperceber de nada.

— Por falar em contos de fadas, tu e Bryn Shraeder vão ser pais? É que aparecem fotografias dela em todos os tabloides sobre uma possível gravidez.

— Não — respondo. — Pelo menos que eu tenha conhecimento.

Tenho a certeza absoluta de que Vanessa sabe que Bryn é assunto tabu, contudo, se falar da alegada gravidez de Bryn a distrair, então, não hesitarei em fazê-lo.

— *Pelo menos que eu tenha conhecimento?* Vocês ainda estão juntos, certo?

Meu Deus, a avidez nos olhos dela. Apesar da intenção de escrever reportagens exaustivas, apesar de todas as capacidades de investigação, não é diferente de todos os outros jornalistas e fotógrafos medíocres, mortinhos por serem os primeiros a publicar um grande furo, seja sobre um nascimento: *Adam e Bryn Vão Ser Pais de Gémeos?*, ou uma morte: *Bryn Diz ao Seu Wilde Man: «Acabou-se!»* Nenhuma das notícias é verdadeira, no entanto, há semanas em que vejo ambas nas capas de revistas sensacionalistas ao mesmo tempo.

Penso na casa em Los Angeles que Bryn e eu partilhamos. Ou onde coabitamos. Não me recordo da última vez que lá estive-mos os dois ao mesmo tempo durante mais de uma semana. Ela faz dois, três filmes por ano, e criou recentemente a sua própria produtora. Portanto, entre as filmagens e a promoção dos filmes e a procura de propriedades onde produzir, e comigo a gravar no estúdio e em digressão, parecemos ter os horários trocados.

— Sim, a Bryn e eu continuamos juntos — digo a Vanessa. — E, não, ela não está grávida. Como nos últimos tempos veste aquelas blusas largas, todos presumem que esteja a esconder a barriga. Mas não está.

Verdade seja dita, às vezes pergunto-me se Bryn veste aquelas blusas de propósito, como forma de alimentar o interesse pela possível gravidez de uma celebridade. Ela quer *mesmo* ter um

filho. Muito embora publicamente Bryn tenha vinte e quatro anos, na realidade, já completou vinte e oito e afirma que o seu relógio biológico está a funcionar e tudo o mais. Mas eu tenho vinte e um, e Bryn e eu só estamos juntos há um ano. E é-me indiferente se Bryn afirma que tenho uma alma de velho e já vivi uma vida inteira. Mesmo que eu tivesse quarenta e um e Bryn e eu houvésemos acabado de comemorar vinte anos juntos, nunca queria ter um filho dela.

— Ela irá ter convosco durante a digressão?

Bastou a simples menção da digressão para sentir um aperto na garganta. A digressão tem a duração de sessenta e sete noites. *Sessenta e sete*. Procuo mentalmente o frasco dos comprimidos, acalmo-me sabendo que o tenho comigo, não caio na asneira de tomar disfarçadamente um na presença de Vanessa.

— Hã? — pergunto.

— A Bryn vai sequer encontrar-se contigo durante a digressão?

Imagino a Bryn em digressão, com os estilistas, os instrutores de Pilates, a sua mais recente dieta de alimentos crus.

— Possivelmente.

— O que tens a dizer sobre a vida em Los Angeles? — pergunta-me Vanessa. — Não pareces gostar do Sul da Califórnia.

— É um calor seco — respondo.

— O quê?

— Nada. Uma piada.

— Oh. Claro.

Vanessa olha-me desconfiada. Deixei de ler entrevistas a meu respeito, no entanto, quando costumava fazê-lo, surgiam com frequência palavras como *inescrutável*. E *arrogante*. É realmente assim que as pessoas me veem?

Felizmente, a hora que marcáramos chegou ao fim. Ela fecha o caderno de apontamentos e pede a conta. Capto a expressão de alívio nos olhos de Aldous e dou-lhe a entender que estamos a terminar.

— Foi um prazer conhecer-te, Adam — diz-me.

— Sim, a ti também — minto.

— Devo confessar que és um enigma. — Sorri e os dentes dela reluzem com um branco artificial. — No entanto, agradam-me os enigmas. Gosto das tuas letras, todas aquelas imagens sinistramente medonhas em *Collateral Damage*. E as letras do novo álbum também são muito enigmáticas. Sabes que alguns críticos se questionam se *BloodSuckerSunshine* está à altura da intensidade de *Collateral Damage*...

Percebo o que se segue. Já o ouvi antes. É aquele truque dos repórteres. Mencionam as opiniões de outros críticos como forma indireta de abraçarem as suas. E percebo aonde ela quer *realmente* chegar, mesmo que não o faça: *O que sentes por a única coisa decente que alguma vez criaste ter brotado do pior tipo de perda?*

De repente, torna-se tudo insuportável. Bryn e as fotografias de uma possível gravidez. Vanessa com o meu livro de curso do secundário. A ideia de que nada é sagrado. Que tudo serve para alimentar. Que a minha vida pertence a todos menos a mim. Sessenta e sete noites. *Sessenta e sete, sessenta e sete*. Empurro a mesa com tanta força que os copos de água e de cerveja lhe caem no colo.

— Mas o que...?

— Esta entrevista terminou — resmungo.

— Sim, eu sei. Porque estás a desatinar comigo?

— Porque não passas de um abutre! Isto não tem peva a ver com a música, mas sim em fazer críticas negativas.

Os olhos de Vanessa bailam enquanto procura levar rapidamente a mão ao gravador. Antes que tenha tempo de voltar a ligá-lo, agarro-o e atiro-o de encontro à mesa, partindo-o, e depois enfio-o dentro de um copo com água para que fique inutilizado. A minha mão treme, tenho o coração a bater com força e sinto os primeiros sintomas de um ataque de pânico, daqueles que me garantem que estou prestes a morrer.

— O que acabaste de fazer? — grita Vanessa. — Não tenho uma cópia.

— Ótimo.

— E agora, como vou escrever o artigo?

— Chamas a *isso* um artigo?

— Sim. Alguns de nós têm de trabalhar para viver, seu cretino apudorado e temperamental...

— Adam! — Aldous surge a meu lado, colocando três notas de cem dólares em cima da mesa. — Para um novo — dirige-se a Vanessa, antes de me levar do restaurante e meter num táxi. Atira outra nota de cem dólares ao taxista depois de frustrar a minha explosão. Aldous introduz a mão no meu bolso e retira o frasco do medicamento, deita um comprimido na mão e diz: — Abre a boca — qual mãe zangada.

Espera até nos encontrarmos a alguns quarteirões do meu hotel, até eu ter fumado dois cigarros em inalação contínua e tomado outro comprimido para a ansiedade.

— O que aconteceu ali?

Conto-lhe. As perguntas dela sobre o «buraco negro». Bryn. Mia.

— Não te preocupes. Podemos ligar à *Shuffle*. Ameaçar tirar-lhes o exclusivo se não destacarem outro repórter para escrever a peça. E talvez assim a notícia chegue aos tabloides ou ao Gabber daqui a uns dias, no entanto, não vale muito como história. Acabará por cair no esquecimento.

Aldous vai falando calmamente, tipo, *olha, é apenas rock 'n' roll*, contudo, noto a preocupação no olhar dele.

— Não posso, Aldous.

— Não te preocupes com isso. Não há necessidade. É apenas um artigo. Será resolvido.

— Não é só isso. Não sou capaz. De nada, mesmo.

Aldous, que, pelos meus cálculos, não deve dormir uma noite inteira desde que fez a digressão com os Aerosmith, permite-se um ar exausto por alguns segundos. Depois, retoma o modo de *manager*.

— Estás apenas com stresse de início de digressão. Acontece aos melhores — assevera-me. — Assim que te fizeres à estrada, estiveres defronte das multidões, começas a sentir o amor,

a adrenalina, a música, ficarás cheio de energia. Quero dizer, ficarás estoirado, sem dúvida, mas estoirado e feliz. E quando chegar novembro, altura em que tudo termina, podes voltar a vegetar algures numa ilha onde ninguém sabe quem és, onde todos se estão a borrifar para os Shooting Star. Ou o temperamental Adam Wilde.

Novembro? Ainda estamos em agosto. São três meses. E a digressão tem sessenta e sete noites. *Sessenta e sete*. Repito-o mentalmente, como se fosse um mantra, só que surte precisamente o efeito contrário ao de um mantra. Deixa-me com vontade de arrancar mãos-cheias de cabelos.

E como vou dizer a Aldous, como vou dizer a qualquer deles, que a música, a adrenalina, *o amor*, todas as coisas que mitigam esta aflição, tudo isso desapareceu? Tudo o que resta é este turbilhão. E encontro-me mesmo à beira dele.

Sinto todo o meu corpo tremer. Estou a descontrolar-me. Um dia pode ter apenas vinte e quatro horas, mas, por vezes, vencer apenas uma afigura-se tão impossível quanto escalar o Evereste.

DOIS

*Agulha e linha, carne e osso
Saliva e tendão despedaçam o coração
Tuas costuras cintilam como diamantes
Estrelas brilhantes a alumiar a minha prisão*

«STITCH»

COLLATERAL DAMAGE, FAIXA 7

Aldous deixa-me defronte do meu hotel.

— Olha, meu, acho que precisas de um tempo para arrefereceres as ideias. Por isso, ouve: vou desmarcar a agenda para o resto do dia e cancelar as tuas reuniões de amanhã. O teu voo para Londres só parte às sete; não precisas de estar no aeroporto senão às cinco. — Lança um olhar ao telemóvel. — São mais de vinte e quatro horas para fazeres o que te apetecer. Garanto-te que te sentirás muito melhor. Vai espairecer.

Aldous fita-me com uma expressão calculada de preocupação. É meu amigo, mas também sou responsabilidade sua.

— Vou mudar o meu voo — anuncia. — Irei contigo amanhã.

De tão grato, até me sinto embaraçado. Voar em Executiva com a banda não é nada de especial. Todos tendemos a manter-nos ligados aos nossos aparelhos de luxo, mas, pelo menos, quando voo com eles, não estou sozinho. Quando não tenho companhia,

sabe-se lá ao lado de quem me sentarei? Uma vez, calhou-me um homem de negócios japonês que não parou de falar comigo durante um voo de dez horas. Tive vontade de mudar, no entanto, não queria parecer aquele tipo de estrela do *rock* comichosa que pedia para mudar de lugar, e então fiquei ali sentado, anuindo, sem perceber metade do que ele dizia. No entanto, pior ainda são as vezes em que não vai ninguém ao meu lado durante aqueles voos de longo curso.

Sei que Aldous tem imenso que fazer em Londres. Melhor dizendo, faltar à reunião de amanhã com o resto da banda e o diretor do vídeo será mais um pequeno tremor de terra. Mas adiante. Existem demasiadas falhas a considerar neste momento. Além disso, ninguém culpa o Aldous; culpam-me a mim.

Por conseguinte, é uma tremenda imposição deixar o Aldous passar mais um dia em Nova Iorque. Mesmo assim, aceito a proposta dele, apesar de desvalorizar a sua generosidade murmurando:

— Está bem.

— Fixe. Limpa as ideias. Vou deixar-te sozinho, nem sequer te telefono. Queres que te venha aqui buscar ou encontramos no aeroporto? — O resto da banda vai ficar na baixa. Desde a última digressão, adquirimos o hábito de ficar em hotéis diferentes e, diplomaticamente, Aldous vai alternando, ficando ora no meu hotel ora no deles. Desta vez vai ficar no deles.

— No aeroporto. Encontro-me contigo na sala VIP — respondo-lhe.

— Está combinado. Vou marcar-te um carro para as quatro. Até lá, relaxa. — Aperta-me a mão e abraça-me em simultâneo, depois regressa ao táxi, afastando-se rapidamente em direção ao próximo compromisso, provavelmente, remediar os estragos que causei hoje.

Dirijo-me à entrada de serviço e encaminho-me para o meu quarto de hotel. Tomo um duche, pondero voltar a dormir. Só que, nos últimos tempos, o sono foge de mim, não obstante ter o armário cheio de ajudas psicofarmacológicas. Das janelas do décimo oitavo andar, consigo ver o sol vespertino encher a cidade de um

brilho quente, fazendo com que Nova Iorque pareça, de certa forma, acolhedora, deixando, porém, uma sensação de claustrofobia e calor na suíte. Visto umas calças de ganga lavadas e a minha *T-shirt* preta da sorte. Queria reservar esta camisa para amanhã, quando partisse para a digressão, no entanto, necessito de alguma sorte neste momento, por isso vai ter de servir duas vezes.

Ligo o meu *iPhone*. Existem cinquenta e nove novas mensagens de *e-mail* e dezassete novas de voz, incluindo diversas do agente publicitário da editora discográfica, já furibundo, e umas quantas de Bryn, perguntando como correram as coisas no estúdio e com a entrevista. Devia ligar-lhe, contudo, serve de alguma coisa? Se lhe falar de Vanessa LeGrande, vai ficar toda aborrecida ao contar-lhe que perdi a «compostura» na presença de uma repórter. Está a tentar fazer-me perder esse péssimo hábito. Diz que, de cada vez que eu me descontrolar perante a comunicação social, só lhes estarei a aguçar ainda mais o apetite. «Mostrá-lhes a tua indiferença, Adam, e deixarão de escrever sobre ti», aconselha-me constantemente. A questão é que tenho a sensação de que, se contasse à Bryn qual o assunto que me incomoda, provavelmente ela também perderia a «compostura» em público.

Penso nas sugestões que Aldous me fez de virar as costas a tudo e, então, desligo o telemóvel e atiro-o para cima da mesa de cabeceira. De seguida, coloco o boné, pego nos óculos escuros, nos comprimidos e na carteira e saio porta fora. Viro na Columbus, encaminhando-me para o Central Park. Passa uma viatura dos bombeiros a toda a velocidade, com as sirenes ligadas. *Coça a cabeça senão morrerás*. Não me recordo aonde aprendi aquela cantilena infantil ou o dito que exigia que coçássemos a cabeça sempre que ouvíamos uma sirene, caso contrário a próxima sirene seria para nós. Sei, porém, quando comecei a fazê-lo, e agora tornou-se instintivo. Mesmo assim, num local como Manhattan, onde se ouvem constantemente sirenes, pode tornar-se esgotante acompanhar o ritmo.

Ao final da tarde, o calor incomodativo abrandou e parece que todos sentem que é seguro saírem porque a zona foi tomada

de assalto: as pessoas fazem piqueniques na relva, empurram carrinhos de bebé pelos caminhos, andam de canoa no lago cheio de nenúfares.

Por muito que me agrada ver toda aquela gente a fazer o que gosta, isso faz-me sentir exposto. Às vezes, vejo fotografias do Brad Pitt com o seu rancho de filhos no Central Park, simplesmente a andarem de balouço, e percebe-se nitidamente que foi seguido por *paparazzi*, no entanto, para ele é um dia normal passado com a família. Ou talvez não. As fotografias podem ser bastante enganadoras.

Pensando em tudo aquilo e passando por pessoas felizes que desfrutam de um final de tarde de verão, começo a sentir-me um alvo em movimento, apesar de ter o boné bem enterrado, ter colocado os óculos escuros e não estar acompanhado de Bryn. Quando estamos os dois juntos, é praticamente impossível passar despercebido. Sou acometido desta paranoia, não tanto por vir a ser fotografado ou perseguido por uma turba de caçadores de autógrafos — conquanto, na realidade, não queira ter de passar por isso neste momento —, mas por poder servir de alvo de chacota em virtude de ser a única pessoa em todo o parque que está sozinha, apesar de, obviamente, não ser este o caso. Ainda assim, tenho a sensação de que, a qualquer instante, as pessoas poderão começar a apontar, a fazer troça de mim.

Como foi que cheguei a este estado? Foi nisto que *me* tornei? Uma contradição ambulante? Estou rodeado de pessoas e sinto-me sozinho. Afirmo desejar um pouco de normalidade, no entanto, agora que consegui alguma, parece que não sei o que fazer com ela, já não sei ser uma pessoa normal.

Encaminho-me para o Ramble, onde as únicas pessoas que provavelmente encontrarei são aquelas que não quero encontrar. Compro dois cachorros-quentes e degluto-os em meia dúzia de dentadas, e só nesse momento me apercebo de que não comi o dia inteiro, o que traz à memória o almoço — e o fiasco com Vanessa LeGrande.

Afinal, o que se passou ali? Quero dizer, tens fama de seres irascível com os repórteres, mas aquilo não passou de uma cena muito amadorística, procuro mentalizar-me.

Estou apenas cansado, justifico. Sobrecarregado. Penso na digressão e parece que o terreno musgoso sob os meus pés se abre e começa a zumbir.

Sessenta e sete noites. Faço um esforço de mentalização. *Sessenta e sete noites não são nada.* Tento dividir o número, fracioná-lo, fazer algo para torná-lo mais pequeno, no entanto, nada é divisível por sessenta e sete em partes iguais. Então, começo a separá-lo. Catorze países, trinta e nove cidades. Algumas centenas de horas dentro de um autocarro de digressão. Contudo, a matemática só acelera o zumbido e começo a sentir vertigens. Agarro-me a um tronco de árvore e passo a mão pela casca, que me recorda o Oregon e, pelo menos, aproxima por instantes a terra.

Não consigo deixar de pensar que, quando era mais novo, lera sobre as legiões de artistas que implodiram — Morrison, Joplin, Cobain, Hendrix. Dececionara-me. *Conseguiram o que queriam e depois o que fizeram? Drogaram-se para esquecerem. Ou suicidaram-se. Que cambada de cretinos.*

Bem, olha para ti neste momento. Não és nenhum drogado, mas não estás muito melhor.

Se pudesse, mudava, no entanto, até ao momento, ordenar que me calasse e apreciasse o passeio não teve grande impacto. Se as pessoas à minha volta soubessem como me sinto, não se riam nas minhas costas. Não, isso não é verdade. Bryn não o faria. Ficaria atónita com a minha incapacidade de desfrutar daquilo que tanto me esforcei para conseguir.

Mas será que me esforcei tanto assim? Todos presumem — a minha família, Bryn, o resto da banda, bem, pelo menos era o que costumava suceder entre aquele pessoal — que, de alguma maneira, mereço tudo isto, que a aclamação e a riqueza são a paga. Na realidade, nunca de tal me convenci. O carma não é como um banco. Efetua-se um depósito, um

levantamento. No entanto, cada vez mais *estou* desconfiado de que tudo isto é a paga por algo — só que de nada de bom.

Apetece-me um cigarro, contudo, o maço está vazio. Levanto-me, sacudo as calças de ganga e encaminho-me para a saída do parque. O Sol começa a descer a ocidente, uma bola brilhante e intensa em direção ao Hudson, e deixa uma colagem de faixas cor de pêssego e roxas sobre o céu. É realmente magnífica e, por um segundo, faço um esforço para admirá-la.

Viro para sul na Sétima, paro numa loja, compro cigarros, e depois rumo à baixa. Vou regressar ao hotel, ligar para o serviço de quartos, talvez deitar-me cedo, para variar. No exterior de Carnegie Hall, os táxis vão parando, largando as pessoas para os espetáculos da noite. Uma idosa de colar de pérolas e saltos altos sai periclitantemente de um táxi, o companheiro, de *smoking*, todo curvado agarrando-a pelo cotovelo. Ao vê-los afastarem-se juntos, sinto algo agitar-se-me no peito. *Olha para o pôr do Sol*, digo para com os meus botões. *Olha para algo com beleza*. Todavia, quando ergo o olhar para o céu, as faixas escureceram e fazem lembrar equimoses.

Cretino apudorado e temperamental. Foi o que a repórter me chamou. Era uma rica peça, naquele aspeto em particular, porém, estava a dizer a verdade.

O meu olhar regressa à terra e, quando isso sucede, são os olhos *dela* que vejo. Não da forma que costumava vê-los — ao virar de cada esquina, por detrás das minhas pálpebras fechadas no começo de cada dia. Não da maneira que costumava imaginá-los nos olhos de todas as outras raparigas em cima das quais me deitava. Não, desta vez são mesmo os olhos dela. Uma fotografia dela, vestida de preto, um violoncelo encostado a um ombro qual criança cansada. O cabelo está apanhado no alto num daqueles carrapitos que parecem ser apanágio dos músicos clássicos. Costumava usá-lo assim para os recitais e concertos de música de câmara, no entanto, com coisinhas penduradas, para amenizar a austeridade do penteado. Naquela fotografia

não se veem as gavinhas. Observo melhor o cartaz. TEMPORADA DE CONCERTOS DE JOVENS ARTISTAS APRESENTA MIA HALL.

Há alguns meses, Liz quebrara o embargo a tudo o que respeitasse a Mia e enviara-me um recorte da revista *All about Us*. Entendi que devias ver isto, estava rabiscado num *post-it*. Era um artigo intitulado «Os Vinte com Menos de 20», apresentando as próximas «crianças-prodígio». Continha uma página sobre Mia, incluindo uma fotografia para a qual mal consegui olhar, e um artigo sobre ela, que, depois de inspirar fundo uma série de vezes, apenas consegui ler por alto. A peça chamava-lhe «presumível sucessora de Yo-Yo Ma²». Sem querer, esbocei um sorriso. Mia costumava dizer que as pessoas que não sabiam o que era um violoncelo descreviam sempre os violoncelistas como o próximo Yo-Yo Ma, em virtude de ele ser o seu único ponto de referência. «E então Jacqueline Du Pré?», perguntava sempre, referindo-se ao seu próprio ídolo, uma violoncelista talentosa e tempestuosa que fora atacada de esclerose múltipla aos vinte e oito e morrera passados cerca de quinze anos.

O artigo da *All about Us* apelidava a execução de Mia de «transcendental» e depois descrevia pormenorizadamente o acidente de viação que matara os pais e o irmãozito mais novo há mais de três anos. Ficara surpreendido. Mia nunca fora pessoa de falar no assunto, de andar à procura de compaixão. Porém, quando conseguira finalmente reler a peça, apercebera-me de que era um perfil, citações retiradas de notícias em jornais antigos, mas nada vindo diretamente da própria Mia.

Durante alguns dias, andei com o recorte, retirando-o esporadicamente para o olhar. A sua presença na minha carteira equivalia a trazer comigo um frasco de plutónio. E, por certo, se Bryn me tivesse apanhado com um artigo sobre Mia, haveria explosões da variante nuclear. Assim, passados alguns dias, deitei-o fora e fiz um tremendo esforço para esquecê-lo.

² Nascido em Paris em 1955, é um músico norte-americano de origem chinesa, considerado um dos melhores violoncelistas de que há memória. (NT)

Neste momento, procuro evocar os pormenores, recordar se mencionava algo a respeito de Mia ter deixado a Juilliard ou dar recitais em Carnegie Hall.

Ergo novamente o olhar. Os olhos dela continuam lá, continuam a fitar-me. E sei então, com o mesmo grau de certeza em relação a qualquer outra coisa neste mundo, que ela vai tocar esta noite. Sei-o antes mesmo de confirmar a data no cartaz e ver que o espetáculo é no dia 13 de agosto.

E, antes de me aperceber do que faço, antes de conseguir dissuadir-me, de admitir que é uma *péssima* ideia, encaminho-me já para a bilheteira. *Não quero vê-la*, digo de mim para mim. *Eu não vou vê-la. Quero apenas ouvi-la.* O aviso na bilheteira informa que o espetáculo desta noite está esgotado. Podia anunciar quem sou ou ligar para o porteiro do meu hotel ou ao Aldous e provavelmente arranjar um ingresso, contudo, prefiro deixar tudo nas mãos do destino. Apresento-me como um jovem anónimo, ainda que mal vestido para a ocasião, e pergunto se ainda restam alguns bilhetes.

— Na verdade, vamos pôr à venda, neste preciso momento, os bilhetes de última hora. Tenho um primeiro balcão retaguarda, lateral. Não é a vista ideal, mas é tudo o que resta — diz-me a rapariga por detrás do vidro da bilheteira.

— Não vim cá pela vista — respondo.

— Também sou dessa opinião — refere a rapariga, rindo-se. — No entanto, as pessoas prendem-se com esse tipo de pormenor. São vinte e cinco dólares.

Guardo o meu cartão de crédito e entro no teatro escuro e fresco. Instalo-me no meu lugar e fecho os olhos, recordando a última vez que fui a um concerto de violoncelo num sítio tão elegante. Há cinco anos, no nosso primeiro encontro. Tal como sucedeu naquela noite, sinto este acesso louco de expectativa, apesar de saber que, ao invés daquela noite, não irei beijá-la. Nem tocar-lhe. Nem sequer vê-la de perto.

Esta noite escutarei. E isso será suficiente.